

XXIX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS
25 a 29 de outubro de 2005

Título do GT: Gênero na Contemporaneidade

Título do Trabalho: QUEM É O CHEFE DA CASA?: UM ESTUDO SOCIOLÓGICO
SOBRE GÊNERO E FAMÍLIA EM BELÉM/PA

Autor (a): Kirla Korina dos Santos Anderson – Aluna do Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará.

Introdução

A análise da participação feminina em atividades econômicas e domésticas tem sido o alvo de muitos trabalhos acadêmicos. Esta “tendência” começou a ganhar destaque a partir principalmente da década de 1970, quando o trabalho de mulheres passou a ser considerado em suas desigualdades em relação ao trabalho dos homens, destacando-se a influência dos movimentos feministas nessa nova percepção. A categoria gênero foi sendo progressivamente constituída, suscitando o exame das relações sociais entre os sexos.

As funções exercidas por homens e mulheres não são iguais em todos os lugares e variam conforme os fatores religiosos, culturais, econômicos e ideológicos que permeiam a relação entre uns e outros. Falar das relações entre homens e mulheres e do papel que cada um assume na sociedade é falar das relações de gênero. Neste sentido, os estudos sobre gênero vêm ganhando destaque no cenário acadêmico nas últimas décadas. Seu fundamento consiste em considerar as implicações culturais que norteiam as relações sociais e os valores atribuídos a homens e mulheres nos diversos grupos sociais.

Face ao exposto, o tema deste trabalho direcionou-se para a compreensão do papel feminino e masculino na manutenção doméstica de famílias de pescadores no Distrito de Icoaraci, em Belém/Pará, tendo como foco principal a participação feminina em atividades domésticas e extra-domésticas. Partiu da perspectiva sociológica de procurar considerar a incidência dos valores sociais vinculados aos papéis sexuais, nas práticas de trabalho das agentes, tanto no âmbito familiar, quanto extra-doméstico.

Observou-se que as mulheres membros de famílias de pescadores em Icoaraci desenvolvem uma série de atividades como estratégias de reprodução social de suas famílias. A necessidade de complementação da renda familiar remeteu às mulheres o desempenho de atividades, remuneradas ou não, além das desenvolvidas em âmbito doméstico, tendo como pano de fundo a presença da pesca industrial em Icoaraci.

O Distrito de Icoaraci está situado a aproximadamente 18 km do centro da capital, Belém, fazendo parte de sua região metropolitana. Destaca-se na história paraense, principalmente quando analisado pelo ângulo da instalação de indústrias pesqueiras no final da década de 1960 (Alex Fiúza de Mello, 1993 e 1985). É banhado pelo Rio Maguari, Rio Maracacuera e pela Baía de Guajará e formado pelos bairros de Águas Negras, Agulha,

Campina de Icoaraci, Cruzeiro, Maracacuera, Paracuri, Parque Guajará, Ponta Grossa e Tenoné.

O objetivo principal deste trabalho consistiu na contribuição aos estudos sobre os padrões de divisão sexual do trabalho em comunidades que dependem da atividade pesqueira, tomando como contexto empírico o Distrito de Icoaraci (Belém/Pa). Concentrou-se na análise dos papéis desempenhados pelas mulheres no sentido de assegurar a sobrevivência do grupo familiar, visualizando as tarefas domésticas e extra-domésticas. Levou em conta as percepções das mulheres sobre seus papéis e suas práticas de trabalho, no contexto das transformações em curso na pesca regional.

Para subsidiar a compreensão das situações de trabalho e de vida das mulheres em Icoaraci, na atualidade, fez-se importante recorrer à literatura sobre família e trabalho no Brasil (Rosa Ribeiro, 2000). Com efeito, devido às injunções de ordem econômica, o modelo tradicional segundo o qual cabe aos homens o papel de provedor do lar está em modificação, mesmo que esse modelo seja mais ideal do que prático e mais aplicável às classes sociais mais abastadas. A busca de trabalho pode levar à ausência do cônjuge por períodos prolongados, provocando rearranjos nas estratégias de sustento do grupo familiar sob a “chefia” das mulheres. Diante dessa problemática, considerou-se necessário levantar dados sobre as características das pessoas responsáveis pelos domicílios e a participação feminina no mercado de trabalho, particularmente em Belém, onde se situa o Distrito de Icoaraci, para uma visualização do contexto econômico.

Para melhor elucidar a temática mulher, trabalho e família consultaram-se dados oficiais sobre a participação feminina em atividades produtivas, o que possibilitou a caracterização da pouca variabilidade de trabalhos femininos. Elas têm maior participação em atividades já relacionadas à esfera de atuação feminina – os tradicionais serviços domésticos – quando se trata de mulheres com baixo grau de escolaridade e pertencentes a famílias de baixa renda, conforme o caso estudado.

Com o objetivo de analisar a participação feminina no mercado de trabalho, formal ou informal, destacando, por exemplo, a renda média mensal que recebem em comparação aos homens, no Estado do Pará e, posteriormente, no Município de Belém, foi consultado o Anuário Estatístico do Município de Belém, elaborado pela SEGEP (Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento), além do perfil das mulheres responsáveis pelos

domicílios no Brasil, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Tal procedimento objetivou a familiaridade do leque de ocupações mais comuns às mulheres, em especial as de baixa renda. Mais especificamente, tratou do histórico de regionalização administrativa da Região Metropolitana de Belém, a qual encontra-se a história de Icoaraci¹.

Consultaram-se documentos da Classificação Brasileira de Ocupações 2002, documento publicado pelo Ministério do Trabalho e Emprego, que reconhece e dá nomes e características de um conjunto de ocupações em âmbito nacional. Buscou-se com esse procedimento o entendimento de como a atividade pesqueira aparece nas estatísticas oficiais, evoluindo as categorias de ocupação, a área de atuação e atividades desenvolvidas, como também estudar a lista de ocupações mais desenvolvidas pelas mulheres. Verificou-se que nas categorias de ocupações no rol das atividades femininas aparecem os tradicionais serviços domésticos. Em se tratando da pesca, os trabalhos destinados ao público feminino, constatados em pesquisa de campo e na literatura, são contados como atividades de apoio à pesca.

A compreensão dos papéis femininos na reprodução social de famílias de pescadores envolve uma breve discussão do conceito de papéis sociais, concebidos enquanto “funções” estabelecidas e naturalizadas para homens e mulheres, reforçados pela cultura (PASSOS, 1999; VIEZZER, 1989; LAVINAS; 1994; DURAN, 1983). Atentou-se para o fato de como as implicações de gênero influenciam as práticas de trabalho das mulheres em questão.

I – A Teoria dos Papéis Sociais e as Esferas de Produção e Reprodução Social.

A discussão que envolve a teoria dos papéis sociais salienta que a partir do sexo biológico são determinados diferentes processos de socialização, que permeiam as relações de homens e mulheres. Desta forma, as funções exercidas por homens e mulheres não são iguais em todos os lugares, variando conforme fatores culturais, as quais implicam no papel que cada indivíduo exerce ou exercerá na sociedade.

Para Lena Lavinias (1994), o discurso que enraizou a família enquanto domínio da **esfera privada**, o espaço da vida doméstica, das relações de dependência e,

¹ Os dados estatísticos referentes à Região Metropolitana de Belém contemplam as famílias de pescadores em estudo.

conseqüentemente, do espaço feminino, contrasta com o **espaço público**, característico dos interesses impessoais, campo do político e dos negócios, denota a “área” de atuação masculina. Daí que o conceito abstrato e liberal de cidadania, referente ao cidadão perante o Estado com seus direitos e deveres, deixa de fora o plano das relações privadas, domésticas, que estariam fora do âmbito político regulado pelo Estado. Nessa separação entre público e privado, naturaliza-se este último, que não é visto como local de exercício de poder e, portanto, não é de interesse da política.

A autora destaca também que o crescimento das grandes cidades e a *generalização do urbano* foram responsáveis pela primeira grande reorganização da divisão sexual e social do trabalho, em virtude das reivindicações dos movimentos feministas em colocar à tona questões como estupro e aborto, conferindo sentido político à vida privada. Essa ação dos “movimentos organizados de mulheres” via a cidade como extensão de seus lares, juntando o seu discurso ao das lutas urbanas como sendo o caso de moradia e qualidade de vida.

A maneira pela qual se configurou a separação e oposição entre público e privado incide no *caráter patriarcal da doutrina liberal, que vem sendo hoje insistentemente denunciado pelas teóricas feministas, que (...) muito têm contribuído para desnudar o sentido político da vida privada (...)* (LAVINAS, 1994; 173).

Elizete Passos (1999) enfatiza que a identidade de gênero é uma construção social, fundamentada nas características biológicas. Por conta disso, a divisão sexual do trabalho é fruto de características adquiridas socialmente e transmitidas de geração em geração:

O sexo e as características biológicas ganham significados sociais, que determinam as possibilidades físicas de homens e mulheres, delimitam os espaços onde podem atuar, estabelecem características, enfim, dizem que eles são desiguais. Partem do suposto que as desigualdades são normais e naturais e correspondem à natureza de homens e mulheres. Todavia, (...) a tese da existência de uma natureza humana abstrata e imutável não se sustenta e tem servido para encobrir formulações ideológicas. (PASSOS, 1999; 25).

De acordo com Moema Viezzer (1989), ser homem e ser mulher não é determinado pelo fato de se nascer menino ou menina, mas circunscreve o desempenho de “funções” estabelecidas pela sociedade como masculinas e femininas, com suas respectivas atribuições de *status* (prestígio) e poder.

No processo de aprendizagem das crianças está embutida uma espécie de “treinamento” para a divisão do trabalho, no qual aos meninos é ensinado a dedicar-se aos

estudos para que possam exercer uma carreira profissional no futuro, enquanto as meninas devem estudar menos ou, na versão contemporânea, estudar para determinadas carreiras.

Para Peter Berger e Thomas Luckmann (1998), no processo de socialização as crianças são ensinadas a desenvolver uma série de comportamentos correspondentes à posição social que ocupam ou que vão ocupar. Neste sentido, toma-se como exemplo um desenho animado em que as personagens principais (lado esquerdo da FIGURA 1) – Florzinha, Lindinha e Docinho – apresentam comportamentos característicos do que culturalmente reservou-se à mulher. Elas são “As Meninas Super Poderosas”, e são meninas que falam manso, são obedientes, carinhosas e prestativas. Seu objetivo principal está, poeticamente, em combater o crime, acordar cedo e tirar boas notas na escola. É interessante notar que, contraditoriamente, as meninas têm o superpoder de combater o crime – a princípio um grande paradoxo – mas, ao mesmo tempo, estão sujeitas aos limites de sua condição de gênero e de idade, haja vista como são frequentemente repreendidas pelo “professor-pai”, o Sr. Utônio, e, mesmo, pelo “prefeito”.

Figura 1 – Aprendendo a Desempenhar Papéis



Fonte: www.cartoonnetwork.com.br/ppg

Em contrapartida, ainda em se tratando de “As Meninas Super Poderosas”, elas têm que lutar com uma série de bandidos todos os dias para salvar a fictícia cidade de Townsville de suas ameaças. Do lado direito do desenho, encontram-se um de seus adversários, conhecidos como meninos desordeiros. Explosão, Fortão e Durão divertem-se destruindo a cidade e são derrotados pelas meninas.

O referido exemplo também pode ser utilizado para se refletir sobre o desempenho dos papéis sociais. O comportamento das crianças do desenho são reflexo, de certo modo, dos valores sociais que norteiam as práticas de trabalhos de homens e mulheres. Ampliando-se a questão, as mulheres são vistas e representadas na condição de sensibilidade e paciência, e por isso colocadas como responsáveis pelos serviços domésticos, que envolvem cuidado com as coisas e com as pessoas. Direcionando o foco para as práticas de trabalho, como um reflexo das relações sociais, tais considerações podem ser notadas.

Ainda que se assista à entrada de mulheres num espectro amplo de carreiras, certas escolhas requerem altos preços na concorrência e demonstrações de competência extraordinária para elas. Ademais, se paga ainda os custos da conciliação com as atribuições do lar e da reprodução. A despeito das mudanças, o espaço doméstico e a família constituem atribuições principalmente femininas. É o que lembra Maria Angeles Duran (1983) em conhecido estudo sobre a dona de casa:

(...) A menina de hoje será a dona de casa de amanhã e toda uma gigantesca engrenagem se porá em movimento para impedi-la de escapar a seu destino. (...) Seus primeiros brinquedos serão um ensaio geral, um espelho antecipado no tempo, do que a espera quando for adulta: berços, bonecas, baterias de cozinha, aventais e vestidinhos. (DURAN, 1983; 13).

Por este motivo, a separação entre produção e reprodução social relaciona-se com os setores de atuação entre o público e o privado, respectivamente. Ainda com Maria Angeles Duran (1983), a esfera da produção incide no trabalho de transformação e distribuição de bens e serviços, realizado em geral fora do ambiente doméstico – também considerado por alguns autores como trabalho extra-doméstico.

De fato, como mostraram os clássicos da Sociologia, a ascensão do capitalismo e do processo de trabalho capitalista significou a construção de um espaço próprio de exercício de trabalho, no qual os requisitos de cooperação, divisão técnica do trabalho, especialização de tarefas e controle do tempo, possibilitassem a elevação da produtividade do trabalho pelo capital. É o que Marx descreveu nos capítulos de *O Capital*, depois de ter tratado das primeiras formas de trabalho a domicílio, ainda nos primórdios do capitalismo, na Europa. Progressivamente o trabalho desvinculou-se do ambiente doméstico e encontrou seu *locus* na fábrica. As formas contemporâneas (desde o final do século XX) de retorno do trabalho

a domicílio, devido à globalização e as mudanças no trabalho “fordista” (da grande indústria) não invalidam essa noção da diferença do espaço público e do privado como locais de trabalhos com sentidos diferenciados.

A reprodução social, por sua vez, envolve o cuidado com as pessoas, administração do orçamento familiar e tarefas de manutenção. Vale dizer que a dona de casa é responsável por manter os instrumentos necessários aos serviços de casa – cozinha, geladeira, aspirador de pó, etc. conforme o padrão de renda e consumo da família – que permitem atender aos membros da família. A autora completa que o *trabalho de dona de casa é feito sobre as coisas e sobre as pessoas (...)* (p. 24). E, desse modo, contribui para reprodução gratuita dos custos de reprodução da força de trabalho, como as autoras feministas têm mostrado, a partir da leitura marxista sobre o tema.

II – A Atividade Pesqueira no Contexto Regional e a Divisão Sexual do Trabalho

As políticas de incentivos fiscais que fomentaram a implantação de grandes empreendimentos econômicos na Amazônia, a partir de 1960, fizeram-se em dissociação ao contexto local, planejadas de forma distante aos interesses e necessidades dos segmentos originais da região. Tais políticas ofereceram subsídios para a implantação de grandes grupos econômicos, o que deixou os segmentos originais da região à margem das decisões políticas e econômicas na Amazônia, como destacou Violeta Loureiro (2001; 1985).

A implantação do Complexo Industrial Pesqueiro no Pará², especializando sua concentração no Distrito de Icoaraci, refletiu-se na separação no processo de beneficiamento do pescado, caracterizando, de um lado, o departamento industrial, ou o trabalho de terra, e, de outro, o departamento de captura, ou trabalho no mar (Alex Fiúza de Mello, 1985 e 1993).

Em Adriana Aviz (2002), grande parte das indústrias de pesca localiza-se ao longo da rodovia Arthur Bernardes, eixo de ligação entre Belém e Icoaraci³. Com a pesquisa *in loco*, foi possível detectar a presença de indústrias também na extensão do Rio Maguari, em Icoaraci, próximo à comunidade deste estudo.

² A pesca industrial caracteriza-se por ser um complexo integrado pela frota pesqueira (captura) e pelas indústrias de beneficiamento do pescado.

³ O objetivo principal da instalação destas indústrias era para a exportação da matéria-prima principalmente para o mercado internacional, potencializando os recursos pesqueiros da região.

Ao tratar a localização das empresas de pesca, Maria Eunice Penner (1980) em um dos primeiros estudos de cunho geográfico e sociológico sobre esse setor no Pará, argumentou que em sua distribuição no nordeste paraense, a região de Belém, levou-se primeiramente em consideração os fatores econômicos. As categorias utilizadas perpassam a facilidade para aquisição de matéria-prima, alta oferta de mão-de-obra, garantia de mercado consumidor, bem como as vantagens oferecidas pela política governamental de isenções fiscais. Essa autora chamou a atenção para a divisão sexual de trabalho nesse ramo industrial, com a importância da mão de obra feminina nas fábricas de processamento de pescado.

Vale citar mais uma vez a pesquisa de Alex Fiúza de Mello (1985), feita no início dos anos 80, que também se deteve em analisar como “a pesca sob o capital” – título de seu livro – manifestava-se na utilização dos trabalhos dos homens e das mulheres. Através de entrevistas junto a empresários da pesca, o autor havia observado justificativas apontadas para a mulher estar atuando no beneficiamento do pescado. Ele obteve respostas de que ela teria “mais paciência” para esse tipo de serviço, que envolve tarefas minuciosas e repetitivas, a fim de resguardar a qualidade do produto. Do mesmo modo, ela não pode sair ao mar, por se tratar de um trabalho “pesado”, conforme as acepções correntes. Portanto, na compreensão das práticas de trabalho das mulheres, é necessário considerar as expectativas de gênero, que circunscrevem as possibilidades de sua inserção no trabalho a determinados setores, em determinados momentos e situações.

Vários autores têm estudado a inserção preferencial de mulheres em certos ramos industriais, como alimentos, micro-eletrônica e têxtil, reforçando a observação que ao sistema econômico capitalista, através do mercado, as diferenças de sexo não são sem importância, ao contrário (Elizabeth Souza-Lobo, 1991).

A justificativa dada para a separação em dois setores distintos no processo produtivo da pesca recai sobre o fato de o produto final – peixes ou camarões processados - ter que corresponder às expectativas do consumidor urbano, particularmente do exterior, já que parte dessa produção é para exportação. Um dos pressupostos teóricos subjacentes à elaboração deste plano de trabalho, a partir da consulta à bibliografia, é a de que essa dissociação estabeleceu-se sobre um padrão tradicional de divisão das atividades por sexo

na sociedade e entre populações pesqueiras, cabendo aos homens o domínio do mar e, às mulheres, a terra e, conforme o caso, as águas próximas.

Em Edna Alencar (1993), a divisão sexual do trabalho, tomando-se a realidade do setor da pesca artesanal, reflete para as mulheres o desempenho de atividades na beira da praia, como confecção e consertos de petrechos de pesca, secagem e salga do pescado, bem como nas atividades de âmbito doméstico – cuidado com os filhos e com a casa, tarefas estas que fazem parte da chamada esfera da reprodução social, isto é, da manutenção da vida humana, em princípio fora do âmbito das atividades voltadas para o mercado.

Ao estudar as mulheres residentes na cidade de Vigia, um dos principais portos de pesca artesanal do litoral do Estado do Pará, Maria Cristina Maneschy (2001) recolheu informações a respeito da “descontinuidade das atividades produtivas femininas”, associadas ao fato de muitas vezes não corresponderem a um retorno financeiro. Essa característica reforça a idéia de invisibilidade da mulher.

Edna Alencar (1993) discute o trabalho feminino na pesca artesanal e também traz a classificação de "trabalhadoras da terra", verificável no parque industrial pesqueiro. De acordo com Maria Cristina Maneschy, as mulheres desempenham atividades no espaço doméstico e/ou na beira da praia, através do conserto de petrechos de pesca, secagem e salga do pescado: (...) *segundo o padrão da divisão do trabalho nas comunidades pesqueiras, são em geral homens que vão ao mar, enquanto as mulheres se ocupam das atividades terrestres, sobretudo as realizadas em âmbito doméstico (...)* (1994: 253).

Estudiosos das relações sociais de gênero mostram que as divisões entre esferas de trabalho masculinas e femininas não correspondem a distinções técnicas e, sim, sociais e políticas, reforçadas pela cultura (Elizabeth Souza-Lobo, 1991). Pesquisas de campo têm analisado justificativas correntes para a divisão sexual das tarefas na indústria, nas quais incidem concepções que são hierárquicas e encontram fundamento na “subordinação de gênero”. Segundo Elizabeth Souza-Lobo (1991; 168) *a subordinação de gênero manifesta-se na divisão sexual do trabalho através das desigualdades de salários e da desqualificação das funções femininas.*

A divisão sexual do trabalho relaciona-se também à relação entre o mundo da produção e o da reprodução social. As funções reprodutivas (cuidados com as pessoas...) são naturalizadas como femininas, o que tem uma série de implicações. Elizabeth Souza-

Lobo (1991) levanta três aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, a necessidade que incumbe a tantas mulheres de conciliarem trabalho com as exigências da família. Em segundo lugar, as repercussões da “naturalização e identificação das mulheres como responsáveis pela família e os filhos, para a construção de sua identidade de trabalhadoras”. Em terceiro lugar, o fato de que elas assumem, no plano privado, responsabilidades que são sociais. *De um lado, a sociedade não se dá uma organização social e o Estado não assume tampouco as responsabilidades sociais que caracterizam o Estado do bem-estar social (...)* (Elizabeth Souza-Lobo, 1991; 162-163). São reflexões importantes para subsidiar a análise a ser feita sobre os papéis das mulheres em Icoaraci e sobre o modo como elas mesmas representam suas responsabilidades e projetos de vida.

Rosa Ester Rossini (1994) e Maria Cristina Maneschy (2001) argumentam que os excertos que envolvem a temática do trabalho feminino prescrevem as relações entre trabalho e família. Assim, enfatiza-se a relevância de se compreender o papel feminino na manutenção doméstica de famílias de pescadores, salientando as atividades desempenhadas em âmbito doméstico e extradoméstico, mencionando as alterações no contexto regional que influenciaram e/ou influenciam as modalidades de divisão sexual do trabalho no Distrito de Icoaraci. Outra questão que merece ser frisada circunscreve a percepção das mulheres com relação às atividades que desempenham.

III – Discussão Teórico-Methodológica: a questão da (in)visibilidade

Um grande progresso pode ser atribuído à significativa presença das mulheres em trabalhos acadêmicos e levantamentos estatísticos, notadamente com a incorporação do gênero como categoria analítica. Entretanto, em alguns trabalhos a visibilidade, assim chamado o destaque da incorporação feminina a esses trabalhos, faz-se imprescindível tecer considerações sob que aspectos estes trabalhos são construídos, como metodologia e suporte teórico a saber.

Célia Pinto (1992), em estudo sobre a contribuição da Ciência Política para a questão, chama atenção que os estudos da questão da mulher encontram um número mais expressivo em termos de produção quantitativa e qualitativa no campo da Sociologia, da Antropologia e da História, no âmbito das Ciências Humanas. Também grifa a presença da mulher em

políticas públicas na área da saúde como alvo de estratégias de controle de natalidade no mesmo período. A mulher torna-se visível em trabalhos das áreas referidas através da combinação de cortes teórico-metodológicos para construir visibilidade, como sendo o caso do estudo do cotidiano, que representa *o espaço por excelência da visibilidade feminina* (Célia Pinto, 1992; 128).

Fazendo um percurso mais amplo sobre a questão, Elizabeth Souza-Lobo (1992) enfoca pontos acerca das problemáticas e abordagens que iluminam a produção sociológica, no que tange ao trabalho feminino. Para isso, a autora aponta que uma das contribuições fundamentais para o entendimento da temática consiste na associação entre família e trabalho. Tal perspectiva permite privilegiar a organização familiar e estratégia de reprodução.

Ao realizar um preâmbulo sobre a participação feminina em trabalhos acadêmicos, Célia Pinto (1992) sinaliza que estes são um reflexo do aumento da atuação feminina na esfera pública. Feito isso, a autora demarca seu interesse de investigação no que concerne à participação feminina no espaço público, partindo de sua inserção em movimentos sociais⁴.

Maria Angélica Motta-Maués (1999) interessa-se em discutir algumas questões pontuadas por estudiosas das relações de gênero, preocupando-se com a produção acadêmica nesta linha de pesquisa, debruçando-se em teses e dissertações das décadas de 1970 e 1980, período em que retrata o surgimento e desenvolvimento dos estudos sobre relações de gênero. A autora direciona atenção para investigações construídas em comunidades pesqueiras.

A referida autora salienta que a própria definição do termo pesca já traz em si uma atividade tradicionalmente masculina. O enfoque sobre mulher poderia servir para por em contraponto ao modelo social e a crítica política e teórica do mesmo. Isso permitiria sinalizar diferenças de percepção e interpretação da construção dos papéis sociais.

Maria Luzia Miranda Álvares (2001) e Edna Alencar (1993), estudiosas das relações sociais em comunidades pesqueiras, levantam questões pertinentes ao trabalho feminino neste segmento produtivo. O fato das mulheres dedicarem mais tempo para os serviços

⁴ Estudar a entrada das mulheres no espaço público envolve considerar atividades econômicas e políticas, por exemplo, mercado de trabalho e movimentos sociais, como formas heterogêneas do político.

domésticos, como também desempenharem atividades de conserto e beneficiamento do pescado, contribui para evidenciar tal questão.

Na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) de 2002, verifica-se a invisibilidade da mulher na pesca sob dois aspectos. O primeiro deles se expressa na denominação das características do setor que dão conta apenas de categorias e descrições das habilidades dos trabalhadores masculinos. É o pescador artesanal, o pescador profissional, o pescador polivalente, o catador de marisco, o redeiro, o gelador industrial, o gelador profissional e assim por diante. Em segundo lugar, as atividades tradicionalmente realizadas pelas mulheres pertencem à categoria “trabalhadores de apoio à pesca”, conforme o quadro abaixo:

QUADRO 1 – Atividades Desenvolvidas por Mulheres na Categoria Trabalhadores de Apoio à Pesca

<i>Grupo de Trabalho</i>	<i>Descrição das Tarefas</i>
Confeccionar material de pesca Conservar pescado	Tecer redes Eviscerar pescado; Lavar pescado.
Preparar equipamentos de pesca	Consertar redes

Fonte: CBO, 2002.

Os trabalhadores de apoio à pesca realizam tarefas secundárias, envolvendo atividades preparatórias e pós-captura. As competências e habilidades descritas na CBO descrevem qualificações simbolicamente atribuídas aos homens, incluindo força física. Outra característica diz respeito à pesca ser uma atividade em que a jornada de trabalho é formada conforme o “movimento da maré” e dos cardumes, por isso a hora para começar e terminar não são uniformes. A mulher neste sentido, devido às expectativas dos valores sociais, ocupa-se primordialmente com os serviços domésticos e não “consegue acompanhar” os horários das pescarias.

Maria Angélica Motta-Maués (1999) levanta a idéia do discurso de invisibilidade partir da ótica do pesquisador. No tocante à antropologia e sociedades pesqueiras, pode-se pensar num *jogo de invisibilidades* dos homens e das mulheres que trabalham na pesca. A invisibilidade do setor pesqueiro se dá de dentro para fora, quando se toma a relação do homem-pescador e Estado e o capital, já que o pescador tem pouco poder de decisão na esfera pública. A invisibilidade de dentro para fora também atinge as mulheres. No caso

destas, também ocorre desde dentro, com relação à hierarquia entre os gêneros. A invisibilidade deve ser analisada, portanto, sob o espectro do posicionamento do pesquisador em campo.

IV – A Participação das Mulheres no Mercado de Trabalho na Região Metropolitana de Belém.

De acordo com dados obtidos na Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento – SEGEP, na Região Metropolitana de Belém a maioria das mulheres aparece na população não-economicamente ativa, representada por 66% das mulheres (TABELA 1). Entra neste caso a dificuldade em conseguir trabalho remunerado maior entre as mulheres do que entre os homens, a exemplo da conciliação com as necessidades do lar e as etapas do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. Maria Cristina Maneschy (2002) frisa que a participação das mulheres em atividades produtivas é feita conforme seu papel construído junto à família, principalmente se tiverem filhos pequenos, o que geralmente limita a mobilidade da mulher.

TABELA 1 – Distribuição da População segundo o Sexo por Condição de Atividade na Região Metropolitana de Belém, em 1999.

Sexo	Condição de Atividade			
	Economicamente Ativa	%	Não Economicamente Ativa	%
Masculino	243.392	55	115.883	34
Feminino	200.461	45	223.384	66
Total	443.853	100	339.267	100

Fonte: SEGEP, 2002.

Outro fator que permite refletir sobre o maior número de mulheres na população não economicamente ativa diz respeito à inclusão de donas de casa e estudantes nesta categoria, sem participação ativa na economia, posto que o que fazem em casa para os familiares não é computado como atividade econômica. Por isso, o número de homens na PEA é superior ao das mulheres.

As disparidades são mais acentuadas quando vistas pelo ângulo da renda média mensal de homens e mulheres economicamente ativos, principalmente quando a referência é a renda mais elevada (TABELA 2). Em números absolutos, verifica-se que nas duas faixas mais baixas de rendimento, as mulheres predominam.

TABELA 2 – População Economicamente Ativa por Renda Mensal, segundo o Sexo na Região Metropolitana de Belém em 1999.

Sexo	Renda (em salário mínimo)								Total
	Até ^{1/2}	Mais de ^{1/2} a 1	Mais de 1 a 2	Mais de 2 a 5	Mais de 5 a 10	Mais de 10	Sem Rend.	Sem decl.	
Masculino	5.649	24.269	56.032	67.795	27.191	17.408	7.640	1.679	207.673
Feminino	9.617	44.433	42.753	31.142	11.755	10.836	11.297	916	162.749

Fonte: SEGEP, 2002.

Em termos relativos, na faixa de até meio salário mínimo as mulheres são 6% e os homens 3%. Em comparação a faixa de mais de meio a um salário mínimo, o número de mulheres é de 30% para 12% de homens. A proporção se iguala na faixa de um a dois salários, correspondendo a 28%. A partir de então, a participação relativa das mulheres diminui.

Várias questões podem ser formuladas para explicar essa superioridade das mulheres nas faixas de renda menores. Uma delas seria a descontinuidade de sua atuação no mercado de trabalho. Outra, a valorização social diferente das atividades a que homens e mulheres pobres têm acesso, por exemplo, os chamados “bicos”, ou serviços ocasionais (ajudantes de obras, vigilância, lavagem de roupas, serviços de marcenaria, lavagem de barcos, caseiros, carregadores, consertos, limpeza de jardins, as “diaristas” a domicílio, “puxar a rede” – retirar as redes de pesca das embarcações para os depósitos em terra - etc.)

Cristina Bruschini (1994) salienta que as mulheres enfrentam maiores dificuldades em conseguir uma ocupação no mercado, pois a variedade de atividades femininas é mais estreita que a dos homens. Elas acabam ocupando postos de trabalho que muitas vezes se apresentam como a extensão das atividades domésticas, conforme mostra a tabela seguinte:

TABELA 3 – População Economicamente Ativa por Tipo de Trabalho, segundo o Sexo na Região Metropolitana de Belém, em 1999.

Sexo	Tipo de Trabalho						Total
	Empregado	Doméstico	Conta própria	Empregador	Não remunerado	Produção para próprio consumo	
Masculino	124.901	1.679	62.906	10.995	5.348	1.069	206.898
Feminino	72.209	37.714	38.017	4.580	8.702	1.374	162.596

Fonte: SEGEP, 2002.

Verifica-se que é o sexo masculino que compõe a maior parte da população economicamente ativa na Região Metropolitana de Belém (TABELA 3). Analisando por tipos de trabalho, mesmo estando em menor número no total de participações, as mulheres aparecem em maior número nas categorias “doméstico”, “não remunerado” e “produção para o próprio consumo”.

Em se tratando da taxa de participação feminina no mercado de trabalho, o DIEESE publicou em 2001 uma pesquisa sobre o tema e constatou que a mulher trabalhadora convive com mais intensidade com o desemprego, ocupam postos de trabalho sem regulamentação em maior proporção que os homens e ocupam funções menos qualificadas.

Os valores sociais atribuídos às mulheres, como a responsabilidade pela reprodução social, podem contribuir para a compreensão dessa “tendência” de destaque das mulheres no setor de serviços. Vale ressaltar as formulações de Rosa Ribeiro (2000) e Cristina Bruschini (1994) ao considerarem que a participação feminina no mercado de trabalho deve ser entendida a partir de sua posição social construída junto à família.

TABELA 4 – População Economicamente Ativa por Tipo de Atividade, segundo o Sexo na Região Metropolitana de Belém, em 1999⁵.

Tipo de Atividade	Sexo (%)	
	Feminino	Masculino
Atividade agrícola	1	2
Indústria de transformação	5	10
Indústria de construção		10
Outras atividades industriais		1
Comércio de mercadorias	22	24
Prestação de serviços	41	21
Serviços auxiliares	4	7
Transportes e comércio	1	8
Social	19	7
Administração pública	7	10
TOTAL	100	100

Fonte: SEGEP, 2002.

Na TABELA 4, há a maior concentração de mulheres na prestação de serviços (41%), seguida pelo comércio de mercadorias (22%). Podem-se considerar as formulações de

⁵ Em dados absolutos, as categorias “indústrias de construção” e “outras atividades industriais” apresentaram valor 611 e 610, respectivamente, o que não atinge 1% do valor total.

Maria Angeles Duran (1983) para análise desses números. Segundo a autora, a mulher incorporou historicamente a responsabilidade pela esfera da reprodução social e da manutenção doméstica. Na prestação de serviços estão inclusos serviços domésticos e vendas, ocupações com tendência para o desempenho feminino.

Em entrevistas realizadas com mulheres de famílias de pescadores no Distrito de Icoaraci, nota-se que a maior parte das mulheres realizam atividades de caráter produtivo no próprio domicílio e que fazem parte do rol de tarefas de esfera domésticas; são em geral alimentos e roupas que fazem para vender na própria vizinhança, ou, ainda, ajudam os pais ou maridos consertando ou confeccionando redes de pesca para evitar “despesas extras”.

Como forma de estabelecer um parâmetro com Icoaraci a respeito das mulheres “chefiando” famílias é válido ressaltar que a presença da pesca industrial no referido local, praticada com redes de arrasto mecanizadas que não selecionam o pescado, forçou com que os pescadores procurassem cardumes em águas mais distantes, aumentando o período das viagens de captura, ampliando os encargos das mulheres (Maria Cristina Maneschy, 1999). Tal situação pode ser aproximada ao que foi discutido por Rosa Ribeiro (2000) em seu estudo sobre as novas configurações de família no Brasil, quando se refere ao aumento do desemprego ter provocado mudanças no “papel” do homem adulto com relação ao sustento da família.

4.3) O Trabalho do Lar e as Atividades Extra-Domésticas em Icoaraci

A estimativa do número de pessoas que moram nos domicílios visitados varia entre 4 (quatro) e 8 (oito) pessoas. Algumas mulheres moram com filhos em idade adulta, genros e cunhados que contribuem com o orçamento doméstico, o que não significa que elas não pratiquem atividades que gerem renda. O dinheiro que arrecadam oscila entre vinte e cem reais por mês, variando conforme o período do ano⁶, sendo utilizado em gastos como compra de material escolar par os filhos e com despesas pessoais. O orçamento familiar incluindo a participação dos membros que trabalham fica entre dois e três salários mínimos.

A composição do grupo doméstico apresenta a predominância de famílias nucleares, em 7 (sete) casos. Os parentes que compõem a unidade doméstica são cunhados, primos,

⁶ Tem-se o exemplo da venda de comidas típicas de festas caipiras – bolo de mandioca e mingau de milho – durante o mês de junho.

genros e netos. Sobre as pessoas que contribuem com as despesas domésticas, é válido destacar que algumas famílias contam com aposentadoria, pensão de ex-marido e dinheiro do Programa Bolsa Escola do Governo Federal. As atividades dos outros membros do grupo familiar consistem em sua maioria em pescadores atuando no setor indústria e no artesanal, mulheres como donas de casa e crianças (QUADRO 2).

QUADRO 2 – Ocupação do Demais Membros do Grupo Doméstico, segundo a Idade.

<i>Atividade</i>	<i>Adultos</i>	<i>Crianças de 0 a 10 anos</i>	<i>Jovens de 11 a 20 anos</i>
Pescador	22		
Dona de casa	2		
Estudante	3	11	15
Aposentado	2		
Empregada doméstica	1		
Vendedor	1		
Jardineiro	1		
Marceneiro	1		
Sem ocupação	3		
TOTAL	36	11	15

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

O rol de atividades dos homens é apenas um pouco mais diversificado do que o das mulheres. Esse rol reflete a pouca diversificação da economia local. Elas se concentram em trabalhos na casa e como empregadas domésticas, não trabalhando com a carteira de trabalho assinada. Os aposentados continuavam exercendo a atividade de pesca, pois salientaram que o dinheiro que recebem não é suficiente para os gastos com a família.

Entre as crianças, 4 (quatro) delas com idade até cinco anos ainda não freqüentam escola. Entre os jovens de 11 (onze) a 20 (vinte) anos, incluídos na categoria estudantes, ocorre o caso de um rapaz que também trabalha numa indústria de beneficiamento de pesca. Sobre os demais, não foi possível obter a informação sobre o exercício de outras atividades em caráter eventual, posto que a entrevistada – geralmente a mãe – indicava apenas o estudo como ocupação dos filhos e filhas.

4.4) A intersecção entre produção e reprodução e os papéis assumidos pelas mulheres

Autores como Maria Cristina Maneschy (2002) e Ducilene Silva (1999) observam que o estudo de atividades extra-domésticas de mulheres deve partir do seu papel

construído junto à família, tendo em vista a discussão sobre manutenção doméstica no que diz respeito ao cuidado com as pessoas e com o lar, levantada por Maria Angeles Duran (1983). Em Marineide Almeida (2002), o fato de as mulheres somarem outras atividades ao trabalho doméstico acaba ofuscando o *verdadeiro valor de seu trabalho*, uma vez que a conciliação de dupla jornada de trabalho contribui para a naturalização de atividades femininas.

A associação entre “dupla jornada de trabalho” e imagem da mulher é entendida neste trabalho como reflexo do processo de socialização, já discutidas com Peter Berger e Thomas Luckmann (1998), no que concerne ao status e papéis sociais das mulheres na sociedade. Acredita-se que a responsabilidade feminina pelas atividades domésticas e com os cuidados com a família são questões que não são desconsideradas quando elas buscam uma colocação no mercado de trabalho. Daí, mesmo que as necessidades econômicas as empurrem para a atuação no espaço público⁷, como é o caso das mulheres em estudo, as tarefas com o lar não são abandonadas e se configura a “dupla jornada de trabalho”.

Direcionando-se atenção para o desenvolvimento das atividades domésticas, pode-se dividir em dois grupos: o primeiro diz respeito a mulheres que realizam atividades fora do ambiente doméstico, como empregadas domésticas e serviços de limpeza; e em segundo lugar as que desempenham tais atividades em casa.

Elas acordam cedo, por volta das cinco e meia da manhã. As que saem para o trabalho deixam o café da manhã pronto para a família; ao retornarem no final da tarde preparam o jantar e o almoço do dia seguinte, varrem a casa e lavam louça. Nos finais de semana lavam a roupa que se acumulou durante a semana e fazem a limpeza da casa. Os filhos destas mulheres já têm mais de onze anos de idade, e são as filhas as responsáveis pelas lides do lar durante o dia. Em se tratando das mulheres que exercem tarefas remuneradas no próprio domicílio, o dia é dedicado aos trabalhos domésticos e no final da tarde em diante se dedicam ao trabalho produtivo.

Os serviços da casa são realizados em alguns casos com a ajuda de membros da família. Doze mulheres disseram que recebem ajudam para a realização destas tarefas, e três fazem sozinhas.

⁷ Algumas mulheres estão no mercado de trabalho não só por necessidades econômicas, mas para satisfazer aspirações pessoais, por exemplo.

A inserção das mulheres em trabalhos remunerados fora do lar orienta-se muitas vezes em função da idade dos filhos. Em famílias que têm crianças, principalmente até sete anos de idade, as mulheres não podem se ausentar por muito tempo, desenvolvendo tarefas na própria casa. Observou-se situações que duas delas estudam à noite, deixando as crianças sob cuidado de parentas – mãe e irmãs – somente por algumas horas.

Os familiares que ajudam nas tarefas de casa são as filhas adolescentes e noras. Os homens participam em situações específicas, para citar o caso de quando a mulher precisa levar um dos filhos ao médico. Entre as tarefas que mais realizam estão varrer a casa e lavar a louça.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, verificou-se que as mulheres não desempenham apenas uma atividade geradora de renda. Elas realizam, ao mesmo tempo, ou subseqüentemente, o conserto de redes de pesca e a venda de alimentos, por exemplo, dependendo do período do ano que se encontram.

Entre os serviços extra-domésticos destacam-se as atividades ligadas à pesca, venda de alimentos, confecção e venda de artesanato (crochê) sob encomenda, empregadas domésticas e serviços de limpeza.

A justificativa para a mobilidade refere-se também ao tempo que os homens estão no mar, ampliando a responsabilidade sobre a manutenção doméstica, como mencionado antes neste relatório. O dinheiro obtido com o seu trabalho é gasto em pequenas compras, como mantimentos para o dia. O dinheiro que os maridos deixam na véspera da viagem de captura (o “vale”) por diversas vezes não é suficiente, fazendo com que elas comprem mercadorias que custam mais caro – para citar carne e remédios – a prazo ou pedem dinheiro emprestado.

As entrevistadas pertencem à camada de baixa renda e escolaridade, fazendo com que as opções de trabalho remunerado sejam muitas vezes aqueles feitos em casa ligados aos tradicionais saberes e fazeres tidos como femininas. Seu leque de oportunidades é reduzido. Ou, então, percebe-se a extensão do padrão de atividades domésticas para o trabalho fora de casa, para citar os casos das empregadas domésticas e serventes. Maria Angeles Duran (1983) argumenta com a socialização da mulher a tais trabalhos.

Sobre o que as mulheres achavam acerca do papel das mulheres e dos homens na manutenção das famílias, registrou-se as seguintes respostas, agrupadas segundo o que se

considera neste estudo como temáticas principais. Todos estes depoimentos enfatizam a distinção entre as responsabilidades de homens e mulheres no cotidiano familiar.

Em primeiro lugar, observa-se a idéia do dever do homem em “ajudar” em casa, o que evidencia bem a noção de divisão sexual do trabalho com domínios diferenciados, conforme ressaltado na literatura. Ao homem cabe complementar nos serviços da casa, mas a responsabilidade principal é naturalizada como da mulher. O sentido da ajuda mútua que transparece na segunda transcrição não implica indiferenciação de tarefas, apesar do reconhecimento do concurso dos dois na família. O segundo tema, presente em todas as respostas, é esse da naturalização do papel da mulher no espaço doméstico. As que reclamam da falta de apoio do companheiro apontam o comportamento padrão por parte deste.

Tem marido que não é obediente com as palavras da mulher, e isso é errado porque eles têm que se ajudar.

É ruim trabalhar fora porque quando eu chegava ainda tinha que fazer as coisas e o dinheiro era pouco. Os dois [marido e mulher] têm que ajudar a cuidar da família.

É errado quando o marido não ajuda a mulher quando está atrapalhada⁸.

O homem deveria participar mais das atividades ainda mais por causa dos filhos. As crianças têm mais mãe do que pai.

É a mulher que conhece mais a família.

O homem não é como a mulher porque os serviços da casa são para a mulher.

Eu acho melhor quando ele [o marido] não está em casa porque ele não se mete no que tenho que fazer e eu tenho mais tempo.

Os três últimos depoimentos, expressando a naturalização pelas informantes (aceitação incontestada) dos papéis de gênero, apontam para uma identificação delas com esses papéis, reivindicando para si as atribuições correspondentes. A ausência do homem, nesse caso, pode representar um maior poder de decisão e de autonomia no uso do tempo e essa dimensão da percepção das informantes não pode ser desconsiderada na análise.

No estudo da interseção entre tarefas produtivas e reprodutivas, a realidade da maioria das entrevistadas que trabalham em casa, mostra que o fato de permanecerem

⁸ Denominação utilizada quando tem muito serviço a ser feito.

restritas ao espaço do lar e da vizinhança, onde estão cotidianamente, não significa imobilidade. Se de um lado, elas têm dificuldade de exercer trabalho fora que implique deslocamento, principalmente passar dias fora de casa, de outro lado, ficar em casa significa flexibilização de seu tempo para dar conta de tarefas que gerem renda, por exemplo, vendas, costuras, tecer rede de pesca ou outras que, embora temporárias, requerem grande dedicação, sem que os ganhos que elas conseguem sejam aumentados em razão do tempo gasto em sua execução.

Pode-se examinar que mesmo elas dedicando uma parte do dia para atividades extradomésticas, elas vão alternando essas atividades com os trabalhos do lar, numa superposição de jornadas e responsabilidades e uma grande possibilidade de dilatação do tempo. Verificou-se que essas mulheres também praticam mais de uma atividade remunerada, sendo o caso da venda de alimentos, que é intermitente.

4.5) Inserções e re-inserções das mulheres em atividades produtivas

A história de vida das mulheres de Icoaraci demonstra uma variedade de trabalhos desenvolvidos ao longo da vida, caracterizados por entradas e saídas do mercado de trabalho. A participação das mulheres em atividades remuneradas deve ser entendida a partir das formulações elaboradas por Rosa Ribeiro (2000), Cristina Bruschini (1994), Maria Maneschy (2001) e Dulce Whitaker (1988) sobre a relação entre mulher, trabalho e família.

É importante observar as respostas formuladas pelas mulheres ao justificarem a pausa nos estudos. As respostas apontam duas questões: a primeira diz respeito à carência de escolas com séries mais elevadas (em especial, as que oferecem ensino a partir da quinta série); e obrigações com a família, conforme mostra o quadro a seguir:

QUADRO 3 – Perfil das Entrevistadas, segundo Idade, Grau de Escolaridade, Idade dos Filhos e Tempo de Residência em Icoaraci.

Nº de ordem	Idade	Escolaridade	Idade dos filhos	Tempo de residência em Icoaraci	Por que parou de estudar?
01	38	Ensino médio incompleto	18, 16 e 14	16 anos	Porque tinha que criar filho. Eu estava estudando e engravidei.
02	43	8ª série	24	24 anos	Porque não dava tempo, eu trabalhava na fábrica.
03	66	4ª série	35, 29, 26 e 25	18 anos	É muito ruim estudar no interior, porque tem que andar ‘de muita areia’ para chegar no colégio, e aí tinha que estudar aquele pouquinho e lá já tinha que vir embora de novo. Era muito ruim, por isso que eu parei na 4ª série logo.
04	64	4ª série	38, 35, 30, 27 e 25	22 anos	Porque eu tinha que ajudar na roça.
05	68	4ª série	38, 32, 30 e 27	16 anos	Para trabalhar. Antes de ser casada, eu vivia de empregada, aí não dava para ir para a escola porque eu morava numa casa de família.
06	30	8ª série	14, 12, 10 e 7	16 anos	Porque eu fiquei grávida, estava morando com a minha mãe. A minha mãe na aceitou a gravidez, aí era muito difícil para eu voltar a estudar, aí eu parei.
07	46	8ª série	17, 13 e 9	12 anos	Porque foi o tempo que nasceu o primeiro filho, aí eu tive que parar.
08	62	4ª série	37, 33, 28 e 23	30 anos	Porque não dava para estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Criança no interior já começa a trabalhar desde cedo.

Fonte: Pesquisa de campo, 2004.

Tomando como análise a interrupção dos estudos, percebe-se que desde a infância a mulher já começa a ser “educada” para as tarefas do lar. Os relatos revelam que as meninas entram nas atividades produtivas com o objetivo de “ajudar” a família. Essa ajuda é expressa através da atuação direta nas atividades agrícolas e pesqueiras, em alguns casos, e no desenvolvimento de serviços domésticos. Assim começa o comprometimento da mulher com os deveres familiares. Há, também, aquelas carências das escolas, sobretudo no interior.

As informações referentes ao controle das despesas domésticas evidenciam que mesmo que no cotidiano seja o homem o responsável pelo provimento de maior parte das despesas, e a mulher aparece com a incumbência de zelar pela reprodução social (cuidado

com as pessoas) e pela manutenção doméstica (cuidado com as “coisas” da casa), as mulheres respondem que é o homem o responsável em administrar os gastos.

Ainda sobre as despesas domésticas, as famílias das informantes costumam gastar mais com alimentação. Em algumas famílias, os gastos com instrumentos pessoais são feitos alternadamente entre os membros. Pouco se gasta com lazer. Os momentos de passeio são feitos em geral no mês de julho – as férias escolares das crianças – e são nas praias das proximidades, e/ou durante as festas do calendário escolar. E nesse caso, a mãe acompanha os filhos, sem a presença do marido muitas vezes.

Em se tratando do ambiente familiar, pode-se fazer referência aos papéis assumidos pelos membros. Daí recorre-se ao papel de chefia de família assumido pelo marido. Na maioria dos casos, é dada ao homem a figura de chefe da família, pois ideologicamente foi aparecendo como responsável pelo sustento material da família.

No caso das mulheres em estudo, o trabalho fora do domicílio é visto como necessário para a complementação do orçamento doméstico. O limitado grau de escolaridade, os filhos ainda pequenos e a atividade pesqueira do marido são dados objetivos que subsidiam compreensão das atividades produtivas dessas mulheres. Elas justificam o desenvolvimento de trabalhos além dos serviços domésticos do próprio domicílio como necessário para a reprodução social da família.

A realização de tarefas remuneradas é condicionada também pela influência dos valores sociais nas atividades femininas. A inserção e re-inserção em tarefas produtivas é condicionada por motivos como a permissão do marido e/ou dos filhos-homens, quando estes já são adultos e contribuem financeiramente com as despesas. Como em muitas comunidades pesqueiras, elas devem prover aquilo que é raríssimo na pesca, que é uma renda regular. Isso se vê nos depoimentos acima que se referem às viagens dos pescadores e a necessidades imediatas a serem atendidas.

À Guisa de Conclusão: rearticulando mulher, família e trabalho em Icoaraci

Estudos apontam para o aumento da participação feminina liderando e sendo responsáveis pelas despesas domésticas, tendência confirmada pelos dados estatísticos referentes à Região Metropolitana de Belém. Dentre as famílias contactadas, as mulheres praticam diversas atividades na esfera produtiva e reprodutiva. Não estão atuando no

mercado formal de trabalho e desenvolvem tarefas pós-captura e de pesca de pequena escala, além dos serviços domésticos.

Os dados coletados possibilitaram discutir algumas características da condição de chefia ou responsabilidade do domicílio, em relação ao que os levantamentos censitários revelam haver um aumento de mulheres chefes de família. No caso em estudo, a despeito de serem os homens muitas vezes os principais provedores da renda monetária, cabe a elas a efetiva responsabilidade na manutenção da família, o que envolve além dos tradicionais ‘trabalhos de casa’, as relações sociais no âmbito da vizinhança e com os serviços públicos (por exemplo, lidar com agentes de saúde).

O aumento das viagens de captura faz com que os pescadores passem mais tempo no mar que o habitual. Isso implica dizer que, na ausência deles, as mulheres procuram atividades para complementação do orçamento doméstico, ampliando sua responsabilidade. A fala delas coincide na justificativa de que cabe a elas cuidar da casa e das pessoas. É válido ressaltar que também são elas que administram as finanças do lar, definindo a quantidade e a finalidade da renda familiar. Verifica-se que os valores vinculados a papéis sociais, que distinguem o que é trabalho de homem e de mulher, é por diversas vezes salientado nos depoimentos das informantes.

Por tais características, examinar as experiências de trabalho de mulheres nesse setor produtivo, a exemplo da situação das mulheres nas famílias de pescadores em Icoaraci, é pertinente para refletir sobre a continuidade dos valores sociais associados às posições de gênero no entendimento de como mulheres e homens se inserem diferencialmente no trabalho produtivo e reprodutivo. Para citar mais uma vez Cristina Bruschini (1994), há que se considerar que as tentativas de inserção no mercado de trabalho pelas mulheres não elimina suas responsabilidades pela esfera da manutenção doméstica. Isto implica dizer que o sexo feminino acaba por acumular várias tarefas para desempenhar, tanto no âmbito da produção como no da reprodução social, compondo o quadro da “dupla jornada de trabalho”.

No grupo estudado, quando ocorre a participação da mulher em atividades produtivas, elas assumem o caráter de complementares às tarefas masculinas. Esta “ajuda” não é apenas via ganhos em dinheiro, mas em atividades que permitam a “economia” de gastos. Isto se apóia nas reflexões de gênero que concebem ao homem a responsabilidade de arcar com as

despesas do grupo doméstico. É assim que as atividades femininas aparecem como invisíveis, especialmente no setor pesqueiro. Lembra-se que não só da mulher, como também dos filhos na manutenção dos utensílios do pai-pescador.

Pode-se recorrer mais uma vez às implicações dos valores sociais para os sexos que colocam o espaço da vida privada e, conseqüentemente, da responsabilidade da casa e das pessoas para as mulheres. Repousa nesta responsabilidade a justificativa que as mulheres dão para sua dupla jornada de trabalho, dizendo que também precisam ajudar no orçamento doméstico..

Os resultados alcançados permitem inferir que os papéis femininos na reprodução social de famílias de pescadores implicam na mobilidade ocupacional dessas mulheres, como forma de garantir a sobrevivência do grupo doméstico. A trajetória ocupacional das mulheres é marcada por entradas e saídas do mercado de trabalho, influenciada pela sua posição social diante da família.

Esta compreensão relaciona-se a uma temática muito maior, que é a dos papéis sociais que organizam os indivíduos em sociedade em posições e comportamentos, segundo critérios de sexo e idade. Neste caso, o desempenho desses papéis será condicionado num ambiente micro, representado pela família e é responsável em trazer os indivíduos à sociedade pelo processo de socialização. Assim, é na família que se aprende a ser homem e ser mulher. Entra em cena mais uma vez a divisão das esferas de atuação entre ambos, em que a mulher fica com o trabalho doméstico e com o cuidado com a família. No caso em estudo, a trajetória ocupacional das mulheres revela que seu desenvolvimento está relacionado com as responsabilidades familiares que já começam na infância.

As estratégias de reprodução social em famílias de pescadores remetem às mulheres a mobilidade ocupacional. Implica dizer que ao ingressar em atividades extra-domésticas, as mulheres não deixam de lado suas obrigações com o lar. Isto implica dizer que o sexo feminino acaba por acumular várias tarefas para desempenhar, tanto no âmbito da produção como no da reprodução social, compondo o quadro da “dupla jornada de trabalho”.

A mobilidade ocupacional refere-se às práticas cotidianas. Isso porque a inserção da mulher em atividades produtivas, como já foi citado, ocorre em função da sua posição no grupo familiar. O trabalho das mulheres não se condiciona apenas às demandas do mercado de trabalho ou de suas qualificações profissionais para conseguir inserção neste espaço,

mas também é fruto de uma articulação entre características profissionais e familiares. Ter filhos, ciclo de vida e posição no grupo familiar aliados à necessidade de complementação do sustento doméstico são fatores presentes na entrada e saída do mercado de trabalho.

O discurso de invisibilidade que chama atenção, assim como para Maria Angélica Motta-Maués (1999), Elizabeth Souza-Lobo (1992) e Cristina Bruschini (1992 e 1996), está atrelado também ao posicionamento do pesquisador em campo. Repensar a invisibilidade do trabalho da mulher contribui para seu aparecimento no espaço público, o que não é um fenômeno recente. Elas aparecem no público sem abandonar o privado. Como atuam nas duas esferas e o trabalho produtivo na maioria dos casos é realizado no próprio domicílio, elas identificam mais facilmente os trabalhos domésticos como sua ocupação principal.

Longe de esgotar a discussão, a análise da condição feminina não se restringe em considerar apenas o aspecto da produção ou da reprodução⁹. Deve atender as articulações entre público e privado na prática social das mulheres, em comparação aos padrões de divisão social e sexual do trabalho na organização da vida social. É neste sentido que STEWART (1978) chega a comentar que a “dupla jornada de trabalho” pode ser uma característica somada ao papel social da mulher. Até quando? Há muitos indícios de mudança nessa característica da dupla jornada como natural.

Como discutiram os chamados “clássicos” das ciências sociais, a realidade social, cristalizada nos papéis e nos conhecimentos partilhados na coletividade, é sempre uma realidade construída. É mutável portanto, resultante das interações e das trocas de sentido entre sujeitos mais ou menos conscientes de suas ações. Nas interações sociais no nível micro e macro, mesmo aquelas instituições e papéis que parecem congelados vão sendo alterados. Na vida cotidiana, nos espaços públicos e privados, essa alteração se processa por meio de conflitos, negociações, até de sentimentos de culpa, sobretudo quando estão em jogo valores inculcados desde a infância. A mudança pode se dar por mínimos detalhes, como querer que o marido ajude no lar, ou ser depositada como esperança para os filhos e filhas, já que na própria biografia não foi possível concretizar. A mudança se dá também no campo do trabalho, como demonstram as estatísticas sobre trabalho feminino, ainda que as

⁹ Em ALVES e PITANGUY (1985), entender a posição que a mulher ocupa na sociedade envolve a intersecção entre trabalho produtivo, reprodutivo, sexualidade e educação.

categorias de análise empregadas possam encobrir mais do que desvendar os encargos das mulheres.

As pesquisas sociais refletem e elucidam as mudanças na vida social. É fundamental o aporte de tantas pesquisas sobre a temática de gênero, cuja emergência é ela mesma um produto da crítica social e política. Seus resultados têm contribuído para enriquecer o alcance da crítica sobre as desigualdades nas relações entre homens e mulheres.

Este estudo procurou apropriar-se de elementos do referencial teórico sobre gênero e trabalho, a fim de compreender as práticas e as idéias das mulheres residentes em Icoaraci, com suas peculiaridades e ‘invisibilidades’.

Referência Bibliográfica

ALENCAR, Edna. Gênero e Trabalho nas Sociedades Pesqueiras. In: FURTADO, L; LEITÃO, W. e MELLO, A. F. (org.) **Povos das águas: realidade e perspectivas na Amazônia.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993. p. 63-82.

ALENCAR, Edna. Trabalho Feminino e Participação Política como Instrumentos para a Manutenção e Renovação da Qualidade de Vida. In: FURTADO, Lourdes (org.). **Amazônia: desenvolvimento, sociodiversidade e qualidade de vida.** Belém: UFPA/NUMA, 1997. p.102-133.

ALMEIDA, Marineide Pereira de. Trabalhos femininos e papéis sociais em uma comunidade rural do nordeste paraense. In: HÉBETTE, Jean et al. **No mar, nos rios e na fronteira: faces do campesinato no Pará.** Belém: EDUFPA, 2002. p. 85-110.

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. As Mulheres da Baía do Sol/Mosqueiro: de donas de casa a pescadoras. In: COSTA, Maria José Jackson (org.). **Sociologia na Amazônia: debates teóricos e experiências de pesquisa.** Belém: EDUFPA, 2001. p.197-216.

BELÉM. Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão, 2002. **Anuário Estatístico [do] Município De Belém,** v. 07, 2000 – Belém:.

AVIZ, Adriana de. **Icoaraci: o tempo da fábrica na pesca industrial,**2002. 95 f. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade Federal do Pará, 2002.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** Petrópolis: Vozes, 1998.

BRUSCHINI, Cristina. O Trabalho da Mulher no Brasil: tendências recentes. In: SAFFIOTI, Heleieth. **Mulher Brasileira É Assim.** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos: NIPAS, Brasília: UNICEF, 1994. p. 63-93.

BRUSCHINI, Cristina. O Uso de Abordagens Quantitativas em Pesquisas sobre Relações de Gênero. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 216-251.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira De Ocupações 2002 Disponível em: www.mtecbo.gov.br. Acesso em 06 out. 2004.

DURAN, Maria Angeles. **A Dona de Casa**: Crítica política da economia doméstica. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

LAVINAS, Lena. Gênero, Cidadania e Políticas Públicas. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos (org.). **Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana**: O futuro das grandes cidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. P. 169-187.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Os Parceiros do Mar**: natureza e conflito social na pesca da Amazônia. Belém: CNPq & MPEG, 1985.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. Pressupostos do Modelo de Integração da Amazônia Brasileira aos Mercados Nacional e Internacional em Vigência nas Últimas Décadas: a modernização às avessas. In: COSTA, Maria José Jackson (org.). **Sociologia na Amazônia**: debates teóricos e experiências de pesquisa. Belém: EDUFPA, 2001. p. 47-70.

MANESCHY, Maria Cristina. **A mulher está se afastando da pesca?**: continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. Boletim Do Museu Paraense Emílio Goeldi. Antropologia, vol. 11, nº 2, p. 145-166, 1995.

MANESCHY, Maria Cristina. Múltiplas Atividades Femininas nas Estratégias de Reprodução Social de Famílias de Pescadores. In: COSTA, Maria José Jackson (org.). **Sociologia na Amazônia**: debates teóricos e experiências de pesquisa. Belém: EDUFPA, 2001. p. 165-196

MANESCHY, Maria Cristina e ESCALLIER, Christine. Parceiras de Terra: Trabalhos das mulheres na pesca em Vigia, litoral do Pará. In: FURTADO, Lourdes e QUARESMA, Helena Dóris A.B. (org.). **Gente e Ambiente no Mundo da Pesca Artesanal**. Belém: MPEG, 2002. p.57-89.

MANESCHY, Maria Cristina, ALENCAR, Edna, NASCIMENTO, Ivete Herculano. Pescadoras em Busca de Cidadania. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda, D'INCAO, Maria Ângela (orgs.). **A Mulher Existe?**: uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. Belém: GEPEM/MPEG, 1995. p.81-96.

MANESCHY, Maria Cristina, ALMEIDA, Marineide Pereira de. Torna-se Pescadora: associações de mulheres e constituição de sujeitos políticos. In: HÉBETTE, Jean et al. **No mar, nos rios e na fronteira**: faces do campesinato no Pará. Belém: EDUFPA, 2002. p. 85-110.

MELLO, Alex Fiuza de. **A pesca sob o capital:** a tecnologia a serviço da dominação. Belém: UFPA, 1985.

MELLO, Alex Fiuza de. Pescadores da Indústria: o complexo de Icoaraci. FURTADO, L; LEITÃO, W. e MELLO, A. F. (org.) **Povos das águas:** realidade e perspectivas na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. **Pesca de Homem / Peixe de Mulher (?)**: repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. *Etnográfica*, v. 3, 1999, p. 377-399.

PASSOS, Elizete. Gênero e Identidade. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos (orgs.). **Olhares & Diversidades:** Os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste. Belém: GEPEM/CFCH/UFPA; REDOR-N/NE, 1999. p.19-32.

PENNER, Maria Eunice Soares. **A Dialética da Atividade Pesqueira no Nordeste Amazônico.** Recife: UFPE, 1980.

RIBEIRO, Rosa Maria et al. Estrutura Familiar, Trabalho e Renda. In: KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (org.). **Família Brasileira, a base de tudo.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 2000.

ROSSINI, Rosa Ester. Mulher, Família e Meio Ambiente: o trabalho da mulher na agricultura canavieira do Estado de São Paulo (Brasil). In: LIMA, Nadia Regina Loureiro de Barros (org.). **Mulher e Meio Ambiente.** Maceió: EDUFAL, 1994. p.15-40.

SILVA, Ducilene Melo da. **Trabalho feminino na indústria da pesca e seus reflexos nas relações sociais no grupo familiar das operárias em Icoaraci / Pará-1997-1998.** Belém: UFPA, 1999 (Trabalho de Conclusão de Curso).

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

VIEZZER, Moema. **O problema não está na mulher.** São Paulo: Cortez, 1989.

WHITAKER, Dulce. **Mulher & Homem:** O mito da desigualdade. São Paulo: Moderno, 1988.